

Os doze estudos para violão de Francisco Mignone¹

Allan Kolodzieiski²

Resumo: Os doze estudos para violão de Francisco Mignone fazem parte de uma verdadeira e importante parte da história e desenvolvimento do violão no Brasil. A obra para violão de Francisco Mignone não são apenas os doze estudos, mas ainda foram compostas mais doze valsas para violão solo, um Concerto para violão e orquestra, e diversas peças para duos, trios e também como acompanhamento. Este trabalho tem a finalidade de apresentar ao violonista os doze estudos para violão, mostrando uma linguagem clara sem fragmentar as intenções dissertadas.

Palavras-chave: Francisco Mignone; Música Brasileira; Violão; Estudos

Francisco Mignone (1897 – 1986) foi um dos mais importantes compositores brasileiros do século XX, juntamente com Heitor Villa-Lobos e Camargo Guarnieri formando a geração nacionalista. Sua importante colaboração para o repertório violonístico se deu graças a seu interesse em compor para o instrumento e também a grande motivação por parte de violonistas para que o mesmo escreve-se para o instrumento. Os doze estudos para violão foram compostos em 1970, quando Mignone (re)encontrou-se com o violonista Carlos Barbosa-Lima, no II Simpósio Internacional de Violão, em Porto Alegre e que mostrou grande interesse e entusiasmo em compor para o instrumento. A capacidade de Mignone em escrever para um determinado instrumento, sem ao menos conhecer suas limitações, e ainda assim expressar uma linguagem única de um compositor já amadurecido, dá aos seus estudos um valor ímpar. O que mostra o entusiasmo de Mignone em escrever para o violão é o fato de o mesmo ter escrito os doze estudos em apenas dois meses, e sem ao menos saber tocar o instrumento. Vale ainda citar que as doze valsas provavelmente foram compostas em apenas seis dias (**Apro, 2004**).

O Estudo nº1 de Mignone abre o ciclo dos doze estudos com a forma característica do prelúdio, onde uma melodia aparece ao meio de uma contínua e quase ininterrupta sessão de arpejos e que segue assim por quase toda obra.

¹ Trabalho apresentado ao II Simpósio Acadêmico de Violão da Embap, de 6 a 11 de outubro de 2008.

² Graduando em Violão pela Embap, na classe do Prof. Mário da Silva.

Ambas as características foram genialmente mescladas por Mignone, pois segundo o violonista Carlos Barbosa-Lima, os arpejos do estudo seria uma cópia de outra obra do repertório violonístico, o *Estudo Brilhante em Lá Maior* de Francisco Tárrega. Juntamente com isso, Mignone intercala em meio aos arpejos uma melodia serena, que na verdade é uma reminiscência do tema da *Sinfonia nº4, Op.28 – 2º movimento – de Johannes Brahms (Apro, 2004)*. Mignone parece fazer do Estudo nº1, o “estudo dos Estudos” (Apro, 2004), pois o experimentalismo de diferentes harmonias (a harmonia tradicional com recursos do atonalismo) faz com que o compositor parece-se por a prova o violão para descobrir seus recursos e limites.

O Estudo nº2 é na sua primeira parte uma extensa melodia de caráter seresteiro,³ e a segunda parte com características barrocas, onde talvez a utilização de tal recurso possa não ser intencional (Apro, 2004). Fica clara a grande facilidade de Mignone de colocar em uma única textura musical, varias características de estilos musicais diferentes sem descaracterizar a peça, fato provado desde o Estudo nº1 e que irá continuar por todo o ciclo de estudos.

Tratando de experimentalismo, o Estudo nº3 tem a indicação de andamento *Tempo de chorinho*, mas segundo Flávio Apro (2004, p. 95) o Estudo nº3 é “um dos mais experimentais da série, pois transita de forma rapsódica por diferentes estilos da música brasileira (choro, baião, maxixe, moda caipira)”. Esses traços são vistos desde o início do estudo onde aparece uma linha melódica na região grave/médio do violão, característico do baião. Outros traços também estão presentes no Estudo nº3, como a progressão de acordes de sétima usado por Mignone que mostra o conhecimento da linguagem usada por Heitor Villa-Lobos nas suas composições para violão.

O Estudo nº4 possui um ritmo da música folclórica brasileira chamado *galope (Apro, 2004)*. Não somente o ritmo, mas outra característica com o já citado compositor Villa-Lobos é presente neste estudo. A repetição dos compassos no Estudo nº3 de Mignone é familiar com a repetição de compassos que acontece no Estudo nº1 de Villa-Lobos (Apro, 2004), a única peculiaridade é que no Estudo nº1 de Villa-Lobos aparecem os ritornelos

³ A expressão de andamento do Estudo nº2 é *Seresteiro*

indicando a repetição, e no Estudo nº4 de Mignone a escrita é contínua, sem o uso de sinais para indicar a repetição. Neste estudo, Mignone recorre continuamente às cordas soltas, dando a ilusão que o instrumento possui mais do que seis cordas (Zanon, 2006).

O Estudo nº5 traz novamente um clima seresteiro com um caráter de modinha presente. Conforme Flávio Apro (2004, p. 100):

A fusão entre tradição e modernidade, resultantes dessa alternância, parece ser uma constante nesse ciclo de *Estudos*. De toda a série, este é o de maior duração e o que apresenta uma carga emocional mais dramática, alternando a serenidade e desespero.

Apro (2004, p.100) ainda comenta que a partir do Estudo nº5, Mignone parece sentir-se “mais a vontade para expressar seu pensamento musical”, fato que será notável nos próximos estudos.

O Estudo nº6 é uma obra que se encaixa muito bem ao violão, tecnicamente e musicalmente. Claramente a habilidade de Mignone em mesclar estilos aparece de forma magistral, onde as características típicas das obras de Ernesto Nazareth (maxixes, tangos) aparecem misturadas com traços nordestinos. Uma obra que mostra toda a brasilidade de Mignone.

O Estudo nº7 que traz um caráter sombrio, com uma densa harmonia, possui o subtítulo “*Cantiga de Ninar*”. É intrigante a maneira como Mignone se expressa nessa obra, onde Flávio Apro faz um paralelo com as obras de Carlos del Nero (1965) e Gilberto Freyre (1996) para dissertar com mais profundidade sobre o assunto, onde resumidamente, Flávio Apro (2004, p.103) comenta que a cantiga de ninar brasileira está associada ao antigo hábito educativo dos pais e educadores de passar o medo nas crianças com o propósito de protegê-las de más influências e orientá-las na educação e obediência com os mais velhos e as autoridades. Tecnicamente, o Estudo nº7 apresenta uma peculiaridade ao interprete. Trata-se que a obra inicia-se na tonalidade de *Fá sustenido menor* que obriga o interprete a usar a pestana⁴ por maior parte do estudo.

⁴ Pestana: Termo que designa a técnica, na execução de certos instrumentos trasteados de cordas dedilhadas (p. ex. violão, alaúde, banjo), de prender, todas ou várias cordas na mesma casa, esticando um dedo (geralmente o indicador) como uma barra sobre elas (Dicionário Grove, p.715).

Juntamente com a pestana, Mignone sugere como andamento a expressão *Molto lento* (semínima – 58),⁵ o que aumenta ainda mais a dificuldade, vendo que o interprete precisará de certa resistência na mão esquerda para sustentar os acordes.

O Estudo nº8 provavelmente seja o mais instigante do ciclo, pois as dificuldades que se apresentam á interpretação da obra são diversas. O mais provável é que Mignone tenha-se utilizado de ritmos espanhóis, características presentes nas escalas. Outra característica seria o uso do frevo pernambucano, devido ao seu rápido andamento e a sua escrita (**Apro, 2004**).

O Estudo nº9 volta a apresentar características regionais. A primeira parte do estudo é escrito todo em semi-colcheias variando algumas poucas figuras, mas Mignone deixa claro o gingado nordestino dos repentes em escrever na linha do baixo o que seria um ritmo típico, também empregado no baião, conhecido como *coco*. (**Apro, 2004**) A seqüência intrincada de arpejos e as acentuações deslocadas empregado por Mignone, torna a peça tecnicamente difícil para a mão direita. A segunda parte, tem o andamento denominado *Bem mais devagar*, é um trecho mais curto, mas que expressa claramente as características da moda de viola, presente nas notas (melodia caminhando em intervalos de terças), e também nas expressões escritas consecutivamente em determinados trechos (*bem depressa, c.86, poço rit.-devagar, c.87*).

O Estudo nº10 traz um caráter expressivo e uma atmosfera seca e melancólica deixando ao interprete uma grande dificuldade de prender a atenção do ouvinte. Sua longa melodia é intercalada por um acompanhamento de acordes que parece uma pergunta sem resposta. A seção central tem características do gênero *prelúdio*, com uma melodia que emerge de um acompanhamento.

O Estudo nº11 vem acompanhado com o subtítulo *Spleen*, que passa a idéia de melancolia e um caráter mórbido (**Apro, 2004**). Depois de compor dez estudos para violão, Mignone explora o instrumento e consegue expressar todo

⁵ A indicação de semínima – 58 está presente na edição publicada pela Columbia Music Company, com a revisão e digitação de Carlos Barbosa-Lima.

o sentimento exigido pela sua composição. O que o compositor tenta expressar nesse estudo, fica evidente na suposição particular do violonista Fabio Zanon (2006) onde o mesmo diz: “Eu tenho a impressão que Mignone depois de fazer várias peças de caráter dançante e arrojado, tentou dar ao ciclo uma expressão de reflexão e seriedade, onde os últimos estudos são lentos, onde não se prevê um sorriso”.

O Estudo nº12 é um verdadeiro teste técnico ao interprete. É possível que para esse estudo Mignone tenha se inspirado no *Estudo Op. 10, nº2* de Frederic Chopin (Apro, 2004). A grande dificuldade se encontra na mão esquerda, pois a velocidade que Mignone sugere⁶ impossibilita uma clara execução da obra. Seu ininterrupto processo rítmico só é interrompido na seção intermediária, de andamento lento com uma melodia em décimas e oitavas, onde a obra retoma ao início para finalizar com o mesmo virtuosismo.

Considerações finais

Os doze estudos para violão de Francisco Mignone diferem dos famosos *doze estudos para violão* de Heitor Villa-Lobos, que traça uma trajetória de progressão de dificuldades nos aspectos técnicos e musicais do próprio instrumento. Mignone, ao contrário, não traça um programa a ser vencido paulatinamente, misturando as dificuldades de maneira aleatória de acordo com o desenrolar dos mesmos, onde os estudos aparecem de uma forma mais expressiva e discursiva. Fatalmente os *doze estudos* de Mignone são comparados também com os *doze estudos* de Villa-Lobos, e como prova disso os estudos de Mignone ainda hoje não alcançaram um verdadeiro mérito pelo fato de serem mais desconhecidos que o seu predecessor, mas ainda assim, nenhuma de suas obras para violão deixa de perder o seu valor para a produção violonística brasileira.

⁶ O manuscrito de Mignone apresenta a expressão de andamento *Com velocidade*, já a edição da Columbia Music Company vem acompanhada da expressão e a indicação de andamento *semínima-100*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APRO, Flávio. *Os fundamentos da interpretação musical: aplicabilidade nos 12 Estudos para violão de Francisco Mignone*. 2004. 197 p. Dissertação (Mestrado em música) - Instituto de Artes - UNESP, 2004.

KIFFER, Bruno. *Mignone: vida e obra*. Porto Alegre: Movimento, 1983.

MARIZ, Vasco (org.). *Francisco Mignone: o homem e a obra*. Rio de Janeiro: Funarte: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 1997.

MIGNONE, Francisco. *Twelve etudes*. Washington: Columbia Music Company, 1973. 2 v.

SADIE, Stanley (ed.). *Dicionário Grove de música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ZANON, Fábio. *O violão brasileiro: nossos pioneiros, criadores e intérpretes*. Disponível em: <<http://vcfz.blogspot.com/2006/05/18-francisco-mignone.html>>. Acesso em: 19 de setembro de 2008;